



Análise comparativa do signo linguístico segundo as perspectivas de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste

Gerivan Ricardo da Silva¹; Adílio Junior de Souza²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar comparativamente o signo linguístico, tendo em vista duas perspectivas: de um lado, a de Ferdinand de Saussure, do outro, a de Émile Benveniste. Trata-se de um artigo de revisão de literatura a partir de fontes da historiografia linguística. A base teórica centra-se no exame de duas obras: *Curso de Linguística Geral*, de Saussure (2016) e *Problemas de Linguística Geral*, de Benveniste (1976). Além dessas, outras fontes foram consultadas, entre as quais, destacam-se: Bakhtin (2009), Fiorin (2002) e Câmara Jr. (2011). Estes estudos discutem a noção do que é o signo linguístico, bem como abordam os problemas entorno desse conceito. Neste artigo, tentou-se extrair dessas fontes a possibilidade de se chegar a uma conclusão do que de fato é o signo, observando a dualidade nas concepções propostas pelos dois pensadores. Os resultados deste estudo apontam que o signo é a entidade abstrata que está no cerne do sistema e por tal razão, torna-se o elemento que constitui a própria estrutura. A língua, como objeto de estudo dessa nova ciência constituída no início do século XX, apresenta fatores que necessitam de uma interpelação acentuada sobre os aspectos que condicionam o seu uso. Dentre esses pontos, pode-se destacar o signo linguístico e suas ramificações que a tornam complexas, tanto na sua estrutura, quanto na sua utilização.

Palavras-chave: Signo linguístico. Língua. Estrutura. Saussure. Benveniste.

Comparative analysis of linguistic sign from the perspectives of Ferdinand de Saussure and Émile Benveniste

Abstract: This article aims to comparatively analyze the linguistic sign, considering two perspectives: on the one hand, Ferdinand de Saussure, on the other, Émile Benveniste. It is an article of literature review from sources of linguistic historiography. The theoretical basis is centered on the examination of two works: *Course de Linguistique Generale*, by Saussure (2016) and *Probleme de Linguistique Generale*, by Benveniste (1976). In addition to these, other sources were consulted, among which are: Bakhtin (2009), Fiorin (2002) and Câmara Jr. (2011). These studies discuss the notion of what the linguistic sign is, as well as address the problems surrounding this concept. In this article, we tried to extract from these sources the possibility of arriving at a conclusion of what the sign is in fact, observing the duality in the conceptions proposed by the two thinkers. The results of the study indicate that the sign is the abstract entity that is at the heart of the system and for that reason, it becomes the element that constitutes the structure itself. Language, as the object of study of this new science constituted at the beginning of the twentieth century, presents factors that need a strong interpellation on the aspects that condition its use. Among these points, it is possible to emphasize the linguistic sign and its ramifications that make it complex, both in its structure and in its use.

Key words: Linguistic sign. Language. Structure. Saussure. Benveniste.

¹ Graduado em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA), na Unidade Descentralizada de Campos Sales-CE. E-mail: ricardoitalo22@outlook.com.

² Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), professor temporário de Língua Latina e História da Língua Portuguesa na Universidade Regional do Cariri (URCA), em Missão Velha-CE. E-mail: adilio.souza@urca.br.

Introdução

Neste artigo, o conceito de signo linguístico apresentado nas obras de Ferdinand de Saussure e Emile Benveniste é um mediador bastante pertinente para que outros princípios de estudo da linguística moderna sejam examinados nas relações que configuram a natureza da linguagem.

O interesse despertado sobre esse tema surgiu a partir de indagações que nos fizeram refletir a respeito dos elementos linguísticos, composição, isto é, sua estrutura formal e funcional.

A partir dessa reflexão, é possível nos apoiar em uma pesquisa bibliográfica e daí sair em busca a algumas respostas tendo como ponto de partida os pensamentos de outros estudiosos da linguística, entre os quais se destacaram: Bakhtin (2009), Fiorin (2002), Câmara Jr. (2011), Martinet (1960), entre outros.

Cabe-nos evidenciar as diferentes perspectivas da natureza do signo linguístico e seus princípios embasados nas definições de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste.

Para tal exposição, a leitura de obras e seus respectivos autores foram relevantes para firmar os objetivos aqui propostos, nos possibilitando a ratificação ou recusa das informações em questão. Para uma compreensão eficaz do tema foram apresentados aspectos da linguística do século XX, considerando os princípios saussurianos e benvenistianos, nos quais os conceitos estruturais de signo, no CLG, e na obra de Benveniste, as críticas impostas.

Dos cursos ministrados por Saussure, as informações anotadas serviram de base para corroborar com as ideias do suíço, quanto às definições de *conceito*, *imagem acústica*, *significado* e *significante*, *arbitrariedade* e *linearidade* do signo linguístico, entre outras dicotomias relacionadas à linguagem.

Partindo da obra póstuma de Saussure, já em uma perspectiva estruturalista, Benveniste critica as definições impostas ao signo linguístico ao teorizar os princípios de enunciação. Para o francês, alguns signos só se manifestam no ato da fala, ou seja, no momento da interação entre os indivíduos, negando dessa forma, o princípio de arbitrariedade.

Observados esses pontos que refutam os pensamentos de vários linguistas em certas questões, cabe-nos formular algumas considerações sobre o tema. Apesar da grande complexidade que abarca o sistema que compõe a linguagem, é inegável a importância da contribuição deixada pelos referidos linguistas que, apesar de suas oposições conceituais sobre alguns pontos, ambos modernizaram os estudos linguísticos do século XX.

A linguística do século XX: de Saussure a Benveniste

A partir do início do século XX, surgiu a linguística como uma nova ordem de conceitos e reformulada com fundamentos baseados em um sistema estruturalista. Essa ruptura com o tradicionalismo utilizado até então (isto é, contra a perspectiva historicista que reinava no modelo histórico-comparativo), surge com o intuito de modificar significativamente as futuras investigações que estariam por vir.

Atuando como ciência autônoma, a linguística logo busca um objeto de estudo para ratificar os processos de evolução que modificavam as línguas no percurso de sua historicidade. A evolução da linguagem humana necessitava de um novo conceito em pesquisa e partindo de um princípio intrínseco, esse processo se constituiu no início do século passado com a publicação do *Curso de Linguística Geral* (1916) (doravante CLG).

A linguística, porém, como o estudo científico da língua/linguagem humanas, se ocupa com questões que provavelmente não incomodariam o usuário comum. Poucos falantes, por exemplo, se preocupariam em estudar a evolução da língua, tanto do ponto de vista de como as formas do latim, por exemplo, evoluíram até chegar ao que constitui hoje a estrutura das línguas românicas, como o português, o francês, o romeno, etc.; quanto do ponto de vista de como a capacidade da linguagem evoluiu na espécie humana ao longo dos milhares de anos que separam o homem moderno dos primeiros primatas (LEITE, 2010, p. 216).

Diante dessa questão da grande importância da linguagem do homem para consolidar e concretizar a sua própria existência na natureza foi desenvolvido minuciosas pesquisas nessa área. Desde os mais antigos filósofos e investigadores desse campo tão vasto, até os dias atuais, uma variedade de nomes surgiu trazendo novas abordagens e novos conceitos que deram distintas perspectivas sobre esse mecanismo histórico.

A língua, como um recorte extraído das mais variadas e extensas formas de linguagem utilizada pelo homem passou por diferentes perspectivas conceituais antes de ser refinada pelo processo de análises estruturalistas que se produziu a partir da leitura e interpretação do CLG por diferentes estudiosos.

Ressaltamos, contudo, que Saussure não era estruturalista e sequer tratou desse termo ou de um “estruturalismo” em seus cursos, ele era sim um neogramático, profundamente enraizado nos estudos de ordem histórico-comparativa. O estruturalismo enquanto pensamento teórico e aplicado surgiu das leituras e interpretações do CLG. Essas leituras ocorrem, principalmente, entre os seguidores e pensadores que forma os círculos linguísticos a partir de 1928.

Empiricamente, os usos de embasamentos teóricos sobre a linguagem buscavam de início, concretizar ações de interação e manifestação que provinham das ideias e lógicas de caráter religioso e, posteriormente o gramatical. Esse fato pode ser minuciosamente apurado quando entram em questão os estudos diacrônicos da linguagem que, tentam através dos registros históricos, esclarecer como eram conduzidos esses estudos sobre o uso das línguas.

O interesse pela linguagem é muito antigo, expresso por mitos, lendas, cantos, rituais ou por trabalhos eruditos que buscam conhecer essa capacidade humana. Remontam ao século IV a.c. os primeiros estudos. Inicialmente foram razões religiosas que levaram os hindus a estudar sua língua para que os textos sagrados reunidos no Veda não sofressem modificações no momento de ser proferidos. Mais tarde os gramáticos hindus, entre os quais Panini (século IV a.c.), dedicaram-se a descrever minuciosamente sua língua, produzindo modelos de análise que foram descobertos pelo Ocidente no final do século XVIII (FIORIN, 2002, p. 6-7).

A investigação sobre os fatos da linguagem antes do estruturalismo saussuriano tinha essas especificidades. No entanto, com a nova abordagem de pesquisa iniciada no final do século XIX, muito havia de se modificar no campo do conhecimento linguístico e o principal fator para essa mudança foi à busca do objeto específico da linguagem humana, a língua.

O fator primordial para que a língua fosse o ponto de partida dos estudos estruturalistas constituídos por Saussure nos cursos que foram ministrados entre 1907 e 1911 foi à relação concomitante e ao mesmo tempo singular existente entre língua e linguagem. Três anos após esses cursos, Saussure vem a falecer, mais precisamente em 22 de fevereiro de 1913, na Suíça. Ele não teve participação alguma na confecção do CLG, que foi produzido por dois de seus ex-

alunos: Charles Bally e Albert Sechehaye (com a colaboração de A. Riedlinger um terceiro ex-aluno). Para o linguista genebrino, a linguagem estabelece uma ampla ligação com outros campos de estudo tais como: Filosofia, Antropologia, Filologia, Psicologia, entre outras.

Nessas condições inquestionáveis para a realidade que estava em evidência, logo um estudo que ancorasse todo o sistema de comunicação dado a partir do elemento linguagem, seria desastrosamente ineficaz à sua cientificidade. Além dessas questões citadas anteriormente há também os fatores que envolvem os processos de formação da palavra. Esse progresso existente no sistema que cria a linguagem oral se articula através do método de impressão acústica e da articulação oral que são os condicionadores para que um termo possa ser produzido pelo falante.

Destarte, qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da linguística. Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si (SAUSSURE, 2016, p. 16).

Apesar da complexidade que envolve esses estudos, há processos que estão próximos de nós e que, sem percebermos, utilizamos constantemente em nosso dia a dia, sem que haja uma confusão de entendimento. Tomemos como exemplo, o uso de nossa própria fala como comunicação e interação com nossos semelhantes. Com base no estudo da língua como um recorte da linguagem, houve divergências entre Saussure e alguns linguistas importantes. A grande questão imposta por esses críticos da perspectiva saussuriana está no uso da fala como mediadora da interação e do discurso utilizado pelo falante, no qual não teve ênfase pelo CLG. Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2009), Bakhtin dá mais primazia a fala, isto é, a enunciação do que propriamente a língua, e chega a afirmar que a fala está *indissoluvelmente* ligada às condições da comunicação” (BAKHTIN, 2009).

A observação de Saussure em seus estudos linguísticos atribuiu à língua o fator essencial para a pesquisa. Além dela, o suíço fundamentou o processo de linguagem oral em dicotomias: língua e fala, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma, significado e significante. Essa última divisão, representa a base para a formação do signo linguístico. Consolidando a língua como suporte para a pesquisa linguística, Saussure afirma que “em matéria de linguagem, a articulação pode designar não só a divisão da cadeia falada em sílabas,

como a subdivisão da cadeia de significações em unidades significativas” (SAUSSURE, 2016, p. 18).

O estruturalismo modificou significativamente o campo da linguística a partir de seus conceitos e suas formas de abordar a linguagem humana. Desde a sua implantação como ciência autônoma, a nova linguística possibilitou a compreensão do funcionamento interno da língua. Para muitos estudiosos desse campo, através dela foi possível abrir novas investigações sobre os fatos de linguagem. O conceito de signo linguístico, a evolução das línguas, as mudanças fonológicas e morfológicas ocorridas durante diferentes épocas da história da humanidade mostram a grande complexidade que envolve a ciência da linguagem.

Com a expansão da linguística estruturalista, novos estudiosos surgiram trazendo novas questões para a compreensão do mecanismo de comunicação. Dentre esses, o francês Émile Benveniste que em sua obra *Problemas de Linguística Geral* (1976) fez críticas ao pensamento de seu antecessor.

Aqui há um ponto específico que nos interessa, o conceito de signo linguístico formulado por Benveniste. Nessa crítica que faz sobre a noção proposta por Saussure, Benveniste questiona a ideologia representada na estrutura do signo, principalmente no fundamento de arbitrariedade.

Não sonhamos em discutir essa conclusão em nome de outros princípios ou partindo de definições diferentes. Trata-se de saber se é coerente, e se, admitida a bipartição do signo (e nós a admitimos), se deve em consequência caracterizar o signo como arbitrário. Acabamos de ver que Saussure toma o signo linguístico como constituído por um significante e um significado (BENVENISTE, 1976, p. 54).

Benveniste aponta Saussure como um pioneiro revolucionário da linguística moderna, portanto, o reconhece como o “pai” da Linguística. Contudo, as críticas impostas no trabalho e nas ideologias saussurianas são baseadas em questões relevantes para o processo de interação na linguagem humana e que, no CLG foi parcialmente sondado pelos seus idealizadores. Para Benveniste, a língua tem um fator necessário e que sua condição é o que possibilita a interação entre os povos e esse fato não poderia ser desconsiderado no âmbito da fala em si.

A linguística estrutural proporcionou ao campo da linguagem muitas possibilidades para novos descobrimentos do fenômeno linguístico, tornando-se uma base sólida para que os

linguistas buscassem métodos eficazes para revelar alguns processos da ciência da linguagem humana.

A natureza do signo linguístico no CLG

Ao abordar as estruturas que configuram o signo linguístico, Saussure distingue entre ideia, som e palavra. Para ele, o som e a ideia preexistem à palavra. Partindo desse princípio, a necessidade obriga a divisão do signo em duas partes que estão intrinsecamente conectadas: significante e significado. Por significante, temos a imagem acústica, ou seja, a impressão psíquica do som; por significado, temos o conceito ou ideia atribuída a algo constituído pelo indivíduo socialmente ativo. Assim, por signo se estabelece a totalidade dessas estruturas que se compõem no plano psíquico.

A ambiguidade desapareceria se designássemos as três noções aqui presentes por nomes que se relacionem entre si, ao mesmo tempo que se opõem. Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por *significado* e *significante*; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. Quanto a *signo*, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, visto não nos sugerir a língua usual nenhum outro (SAUSSURE, 1916, p. 81).

Para compreender como se constitui o elemento linguístico na abordagem do CLG é necessário assimilar esses termos e como estes se inserem para firmar sua condição específica. Compreendido esse fato, devemos nos ater às outras características particulares do signo que estabelecem outro processo de formação definido por Saussure e que se manifesta no domínio de sua natureza, definida e delineada como arbitrariedade e linearidade do signo.

Essa visão que toma a língua enquanto mediadora entre o homem e o mundo é um fato de natureza simples. Câmara Jr. (2011, p. 15) nos esclarece que:

[...] os homens falam tão natural e espontaneamente como caminham [...] Estão tão acostumados a falar e aprendem a fazer tão inconscientemente [...] que nem sequer se detém para observar a maneira como começam a falar.

Observada a linguagem oral em sua manifestação natural, notamos que o transcurso apreciado por um usuário comum da língua pratica uma série de processamentos sem se dá conta de sua total complexidade.

Saussure ao propor os processos que estruturam o circuito da fala, aborda os diferentes aspectos fundamentais para tal sistema. Esses elementos são essenciais para a mediação entre o homem e as unidades linguísticas responsáveis pela troca de interação no ato discursivo.

Neste mesmo caminho, André Martinet afirma que a função essencial do instrumento linguístico (ou seja, a língua) “reside na comunicação: por exemplo, o português é, antes de mais, o utensílio que permite aos usuários [...] de entrarem em comunicação uns com os outros” (MARTINET, 1960, p. 6). Estabelecendo a língua humana como um sistema articulatório, Saussure estabelece esse aspecto como relevante para tomá-la como princípio de estudo da linguística moderna.

Eis que estamos diante da definição de signo linguístico presente no CLG, sob a qual repousa o processo de formação das unidades linguísticas abordadas por Saussure:



Figura 01: Signo linguístico - Extraído do CLG (SAUSSURE, 2016, p. 80)

Para Saussure a língua é estruturada com base em diferenças fônicas e semânticas. Esses aspectos são concretizados através de processos físicos, fisiológicos e psíquicos que, no ato comunicacional, ou seja, no circuito da fala, serão minuciosamente manifestados nos indivíduos, tendo a língua como mediadora desse recurso. Ao estabelecer o signo linguístico

como a união entre um conceito e uma imagem acústica, Saussure especifica que, essa relação – ambas psíquicas – não une uma coisa e uma palavra, mas um conceito, de natureza mais abstrata e uma impressão psíquica, imagem sensorial desse som.

Partindo desse princípio, fica exposta no CLG que a língua não é simplesmente uma nomenclatura, uma lista de termos instituídos a partir de diferentes categorias. Daí Saussure dizer que a língua é um sistema constituído por signo que exprimem ideias (SAUSSURE, 2016).

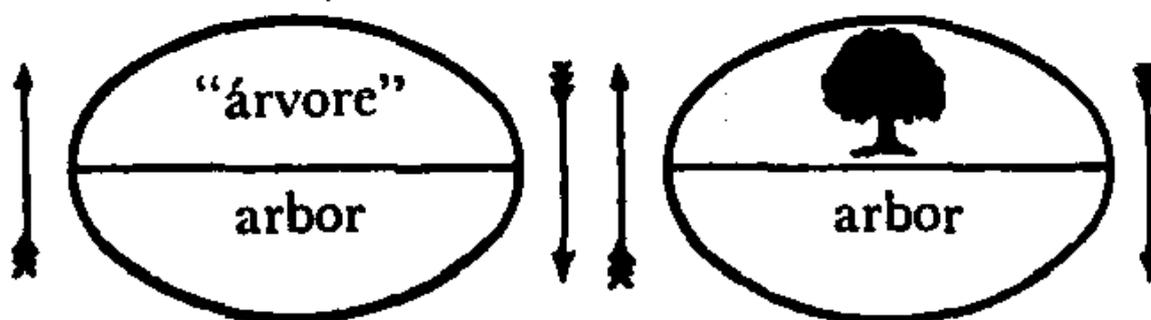


Figura 02: Relação entre Significante e significado - Extraído do CLG (SAUSSURE, 2016, p. 81)

Quanto ao resultado adquirido com a combinação de signo entre conceito e imagem acústica, o CLG aponta uma questão fundamental para que essa estrutura não se limite apenas à sua impressão perceptual. Por signo, entendemos como o total entre conceito e imagem acústica, daí esse julgamento entra em contradição ao nos depararmos com um conceito qualquer: árvore, por exemplo. Nesse sentido, fica estabelecido que apenas a parte sensorial, ou seja, a imagem acústica “árvore” suscitará no indivíduo uma nomenclatura que logo se manifestará como signo linguístico ou unidade de interação no ato do circuito da fala.

Tomando como uma necessidade para distinguir essas três noções que formam as unidades e que se relacionam e ao mesmo tempo se opõem, ficou proposto que havia a necessidade de converter o conceito e imagem acústica, respectivamente, em significado e significante. A partir dessa substituição ficam criteriosamente estabelecidas às oposições de valores que os signos representam para cada indivíduo ao conceber ou partilhar certo elemento linguístico.



Figura 03: Significante / significado - Extraído do CLG (SAUSSURE, 2016, p. 133)

Significado e significante

Para definir o conceito de significado e significante como parte fundamental do signo linguístico, ou seja, da palavra como representação de determinado signo, Saussure estabelece nesse âmbito uma oposição que será configurada pela função de valor e de significação. Ao conceituarmos certos elementos linguísticos, logo nos depararemos com as questões que estão em torno desse elemento, levando em conta os seus valores internos, que tem como base a sua estrutura gramatical e o seu valor externo, que tem como princípio a significação que esse representa para cada indivíduo ou comunidade linguística.

Quando ocorre um ato de fala entre indivíduos que tem certa língua como mecanismo de comunicação, o francês, por exemplo, ao se manifestar colocando em uso esse método, de imediato surgirão dois elementos distintos que farão com que essa estrutura se concretize, uma imagem auditiva e um conceito. Cada termo utilizado em uma manifestação comunicativa opera sob regra de oposição e essas diferenças fônicas e semânticas fazem com que cada elemento da língua tenha sua classificação na cadeia da fala.

Observados esses itens que constituem a linguagem falada, podemos concluir que, além dos elementos linguísticos que atuam em extensão, como nas relações sintagmáticas, existe um exorbitante número de signos depositados no cérebro dos indivíduos.

Arbitrariedade do signo linguístico

O signo linguístico apresenta duas características fundamentais em sua estrutura, segundo é observado no CLG, que são os princípios da arbitrariedade e da linearidade. Essa proposta é uma das causas principais das críticas atribuídas por Émile Benveniste em seus estudos linguísticos ao elaborar as suas pesquisas sobre os atos de fala produzidos nos enunciados. Essas propriedades do signo são os grandes desafios da linguística moderna quando entram em questão o verdadeiro valor da palavra e suas especificidades na produção de linguagem.

Por arbitrário, Saussure estabelece que não exista nenhuma ligação entre o significado e o seu significante, ou seja, entre a coisa e a sua imagem acústica. Para uma melhor compreensão temos provas das várias línguas existentes no mundo. Quando é produzida uma sequência de sons, por exemplo: *casa*, nessas condições *c – a – s – a*, pela língua portuguesa, logo temos *home*, *h – o – m – e*, na língua inglesa e *maison*, *m – a – i – s – o – n* em francês.

Para assumir alguns signos que são produzidos a partir de outros já existentes, o suíço divide o arbitrário em absoluto e relativo. O arbitrário absoluto não apresenta ligação entre o som produzido pela sequência fônica de sua imagem acústica, enquanto que o arbitrário relativo também é considerado motivado. Os signos relativamente motivados mantêm uma relação sintagmática e associativa que limitam o arbitrário. Logo temos como exemplo: dezoito, pedreiro, cavaleiro, dezessete, em que esses signos são gerados na relação associativa e dez + oito, pedra + eiro, cavalo + eiro, dez + sete, são produzidos numa relação sintagmática.

O caráter linear do signo

O segundo princípio imposto no CLG se refere ao da linearidade do signo linguístico. Nesse aspecto, fica proposto no âmbito do significante a sua função de manter as sequências fônicas e silábicas numa organização em que as unidades linguísticas se mantenham exclusivamente no tempo. A linearidade é fundamental nos signos gráficos e acústicos para que seu entendimento não implique o seu valor linguístico na cadeia da fala.

Essa particularidade do significante tem a função de manter os enunciados em organização, dada a sua sequência sintagmática na produção e realização dos atos de fala. Também, concretiza através dos significantes atribuídos a determinados conceitos, o seu valor convencionalizado que são impostos pela sequência fônica, visual e material nos signos linguísticos utilizados no domínio coletivo desse sistema. Esse princípio é facilmente utilizado quando está em funcionamento o processo do circuito da fala que, aos se conectarem numa sequência discursiva, a linearidade tem como função manter as relações sintagmáticas que estabelecerão as regras fonológicas dos termos em uso.

O signo linguístico na perspectiva estruturalista

Teoricamente, o mecanismo linguístico que condiciona o ato da linguagem oral apresenta características fundamentais para o seu funcionamento. No CLG, o signo linguístico é conceituado como uma dicotomia na qual apresenta um significado que seria o conhecimento adquirido por convenção de uma comunidade falante, ou seja, é o conceito pré-estabelecido pelos fatos de consciência, ou ainda, um produto social. Por outro lado, temos o significante que, no circuito da fala, seria a imagem acústica desse signo.

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (SAUSSURE, 2016, p. 80).

Esses dois elementos que formam o signo apresentam características particulares e são estabelecidas como arbitrário e linear em seu processo. A arbitrariedade fica dividida entre o arbitrário absoluto que, segundo Saussure, não tem relação entre a sequência acústica e o objeto conceituado por ele e também o arbitrário relativo, ou seja, o signo relativamente motivado. Do outro lado dessa característica primordial do signo, configura-se no âmbito do significante o princípio da linearidade. Essa tem como fundamento o lado sintagmático que coloca as estruturas da imagem acústica na linha do tempo, numa ordem linear, formando cadeias com seus respectivos elementos, um após outro.

O estruturalismo utilizado para difundir os novos processos de pesquisa linguística priorizou, na abordagem saussuriana, o uso da língua e suas propriedades internas. Nessa linha de pensamento se formulou muitos aspectos que dispomos hoje. Exemplos atribuídos a esse sistema de investigação podemos citar as questões que envolvem a fonética e a fonologia, os processos de formação de palavras tendo como princípio a morfologia, também fatores como a semântica e o discurso, além de outras áreas como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia e disciplinas afins, todas essas buscando no estruturalismo as respostas para os fatos que envolvem a linguagem humana.

Concomitante aos pensamentos de Saussure, Émile Benveniste seguiu as ideologias estruturalistas. Porém, sua crítica a alguns conceitos do mestre genebrino foi colocada em discussão na sua obra. Benveniste, apesar de reconhecer a importância do trabalho elaborado por Saussure, questiona sobre alguns conceitos do Curso e estabelece uma visão crítica a esses pontos que, no presente artigo, tem como objetivo analisar especificamente o conceito de signo linguístico, na perspectiva de ambos linguistas.

O estruturalismo instituiu nos estudos linguísticos métodos de investigação que possibilitou aos novos linguistas um conhecimento mais amplo dos fatos da linguagem humana. Dentre esses seguidores das pesquisas estruturalistas destacou-se no século XX, o francês naturalizado Émile Benveniste. Benveniste é bastante disseminado no campo das ciências da linguagem. A partir de sua principal obra, *Problemas de Linguística Geral*, que teve duas publicações (1966 e 1974), seu pensamento ganhou destaque nos ensinamentos linguísticos. O francês é considerado o pioneiro do plano que estruturou a teoria da enunciação que, através

dessas análises, foi fundamentada toda a crítica sobre o conceito de signo linguístico propagado por Saussure.

Benveniste apresentou uma teoria complexa e completa de exame da linguagem, acrescentando a teoria saussuriana o aspecto semântico. É mesmo possível dizer que, o termo “linguística geral” tem para Benveniste um sentido mais arrojado que para os demais estruturalistas. Estes pensavam a linguística geral como uma ciência geral da língua, aquele, como uma ciência geral da linguagem (RODRIGUES, 2016, p. 17).

Em seus trabalhos de pesquisa e disseminação de seu pensamento, Benveniste aborda a língua como uma estrutura fundamental para o funcionamento de uma sociedade. Enquanto Saussure configura a língua em suas estruturas internas e particulares, Benveniste considera que o fator primordial para a existência de um círculo socialmente organizado, obedecendo a critérios, definindo características, situando o homem em seu meio natural é a disponibilidade da língua.

Percebemos que há uma distinção de critérios elaborados por ambos linguistas em relação à concepção de língua. O princípio que fundamenta o signo linguístico é um ponto bastante mensurado quando se busca especificar a sua natureza, tanto em seu valor estrutural quanto em seu valor funcional, pois para o estruturalismo saussuriano, não fica evidente a preocupação de definir o valor do signo no âmbito social, ou seja, é considerado apenas em seu plano intrínseco. Por outro trajeto, o estruturalismo benvenistiano aponta para uma profunda averiguação do signo considerando a necessidade e a condição de sua natureza estar ligada diretamente aos valores comunicacionais, promovendo ao signo linguístico a propriedade mediadora entre o homem e o mundo.

Benveniste aponta em suas pesquisas de fundamentações da linguagem um fator importante no conceito de signo linguístico. Para o francês, existem alguns signos que só se manifestam no ato da fala, ou seja, estes são condicionados de acordo com a pessoa, o espaço e o tempo. Elementos linguísticos tais como *eu, tu, aqui, ali, lá, ontem, hoje* ou *amanhã*, por exemplo, só ocorrem no ato discursivo, gerando, dessa forma, um valor linguístico. Portanto, não podem ser arbitrários.

Para Benveniste, essa definição de signo dada por Saussure foi elaborada a partir de elementos muito simples. Ao ampliar seu estudo no campo da linguagem, o francês abrange os

elementos que compõem a estrutura discursiva e aborda a necessidade de que esses elementos se manifestam no tempo e no espaço, concluímos, então, que alguns signos ocorrem em consequência da ação interacional, bem como são dependentes de fatores externos à língua.

Conclusões

Os séculos XIX e XX foram marcados por grandes avanços nos campos de estudos que têm como investigação científica a linguagem humana. Em meio a essas inúmeras pesquisas, surgiram as que estão voltadas para os elementos linguísticos que mais proporcionam desafios aos seus estudiosos, o signo linguístico. Neste artigo, fizemos algumas reflexões sobre os pensamentos de Émile Benveniste e Ferdinand de Saussure quanto ao conceito de signo linguístico.

A natureza do signo no CLG aborda a questão estrutural no aspecto interno da língua, colocando em princípios o funcionamento de suas partes como o significado e significante e também pontos específicos como a arbitrariedade e linearidade dos elementos linguísticos.

Na crítica fundamentada por Benveniste, entra em discussão a questão interacional da língua. Ambos linguistas mostraram que os signos são produtos complexos da linguagem, porém, suas pesquisas revelaram que tanto no uso da língua quanto na sua constituição, é necessária uma compreensão bilateral por parte do indivíduo.

A linguagem faz do homem um ser pensante, crítico, cultural e racional, além disso, coloca-lhe numa condição de compartilhar uma sociedade marcada por princípios e normas que são essências para a sua própria existência. Partindo desse pressuposto, fica evidente a grande importância de se compreender como a língua se manifesta e como ela é formada estruturalmente para manter sistematicamente o ciclo natural em que estamos inseridos, ou seja, cabe-nos o conhecimento das duas perspectivas aqui abordadas.

As questões que discutimos ao longo do artigo nos permitem refletir também sobre os diversos elementos que usamos para nos comunicarmos. As palavras sempre foram enigmas em nosso pensamento, fazendo-nos indagações das mais variadas naturezas. Portanto, fica aqui evidente que o assunto precisa ser explorado por todas as perspectivas possíveis, abrangendo

fatores como o cultural, o social, o histórico e todos os que colocam o ser humano como único capacitado a produzir signos linguísticos a partir de processos mentais e fisiológicos.

Estávamos cientes das dificuldades que envolvem esse tema, mas nossa pretensão não era a de esgotar o assunto e sim a de apontar uma nova perspectiva sobre o estudo do signo, de modo a relacionar as ideias de Saussure e Benveniste.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2009.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística Geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri; revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo, Ed. Nacional, Ed. na Universidade de São Paulo, 1974.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História da linguística*. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo; Prefácio de Albertina Cunha. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à linguística*. vol. 1. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.
- LEITE, Jean Edson Rodrigues. *Fundamentos da Linguística*. João Pessoa, Editora da UFPB, 2010.
- MARTINET, A. *Elementos de Linguística Geral*. 8. ed. Trad. de Jorge Morais-Barbosa. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- RODRIGUES, Romulo da Silva Vargas. *Historiografia-linguística de Émile Benveniste*. 2016. f. 177. Tese (Doutorado e Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Charles Bally e Albert Sechehaye (Orgs.), com a colaboração de A. Riedlinger. Prefácio à edição brasileira de I. N. Salum. Tradução de Antônio Chelini, José P. Paes e Izidoro Bliskstein. São Paulo, Cultrix, 2016.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Gerivan Ricardo da; SOUZA, Adílio Junior de. Análise comparativa do signo linguístico segundo as perspectivas de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.45, p. 121-136. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 03/04/2019

Aceito 05/04/2019